

Considerações sobre o Homem dos Ratos: qual o lugar da mãe?

Sergio Zlotnic

Tomando por objeto de investigação um episódio específico da história do famoso paciente, este artigo discute as questões do trauma, da sedução, do encontro da criança com o adulto e das formas de se lidar com a castração.

Tomando por objeto de investigação o caso freudiano *O Homem dos Ratos*¹, destaco um episódio particular relatado por Freud considerado um exemplo de como se fixara para sempre o papel do pai do paciente como *perturbador de seu gozo*. Meu propósito é o de reiterar a importância do episódio na constituição da neurose de Paul (nome fictício atribuído por Freud ao paciente) mas, além disso, no próprio tratamento do paciente: é a partir dele que se abre o caminho para as ocorrências maciçamente transferenciais e para a solução da idéia dos ratos, o que também está indicado por Freud. É também, no caso clínico, o momento que marca o tempo de “intensidade máxima” na relação analista/paciente. Mais que isso e especialmente, pretendo indicar a presença da mãe de Paul implicada sorrateiramente, do meu ponto

de vista, na cena em questão. O papel da mãe do paciente no presente caso (não só nele - ver, por exemplo, o caso Dora, 1905) fica minimizado em detrimento do papel do pai. Recuperar a influência materna nos destinos da constituição do psiquismo significa considerar um elemento que Freud parece, nesse momento, ter desprezado. Além da tarefa de “encontrar um lugar para a mãe”, ao destacar esse episódio específico do caso clínico, juntamente com uma longa nota de rodapé que o acompanha, pretendo identificar nesse pedaço do texto, apoiado em alguns autores pós freudianos

Sergio Zlotnic é psicanalista e mestre em psicologia clínica pela USP. Este artigo é uma versão ligeiramente modificada de uma monografia apresentada em novembro de 1997 no Instituto de Psicologia da USP, onde o autor realiza seu doutorado.

(Ferenczi, Laplanche, Menezes), a sexualidade como fruto do encontro traumático de uma criança desamparada com um adulto perverso. Para isso é necessário avançar no tempo e considerar também o trabalho de Freud de 1920, *Além do princípio do prazer*.

O fato recolocado

Com esse trabalho de 1920 fica recolocado o “fato” na clínica freudiana e na constituição do sujeito na psicanálise. Ressurge o trauma e a sedução, enterrados desde “as histéricas que mentem” e desde o salto para a fantasia: não importa se o fato ocorreu ou não, importa que os sujeitos operam com fantasias inconscientes que encenam, entre outras, a cena da sedução infantil.

O trabalho de 1920 “traumatiza” a metapsicologia psicanalítica (e, claro, a sua clínica inseparável daquela) afirmando os fenômenos que não estão no registro do princípio do prazer mas além deles - ou aquém, no sentido de anterioridade. As repetições devidas a traumas, a compulsão à repetição, não se referem a uma outra cena, não há um conflito defensivo envolvido nelas porque são anteriores às representações psíquicas.

Considerar ou não o texto de 1920 implica em posições diferentes do analista na clínica: oposição que há entre conflito pulsional e fator do trauma.

O trabalho habitual e clássico da psicanálise e do psicanalista, de escuta e interpretação, de abandono ao sabor da atenção flutuante - para tornar visíveis os derivados do recalado e, assim, ligar o afeto à sua respectiva representação - o trabalho, enfim, de assepsia e abstinência do analista, a boa distância da técnica hipnótica, a restrição ao campo do verbal atravessado pelo jogo transferencial, ficam inviabilizados em certos momentos analíti-

cos nos quais o que está em jogo não é da ordem de um recalque. Dependendo de como o analista lida

O horror da psicanálise “habitual” ao abandono da função analítica também teria que ser revisto.

As repetições devidas a traumas,
a compulsão à repetição, não se referem
a outra cena e não envolvem conflito defensivo,
porque são anteriores às representações psíquicas.

com este “algo novo” que reaparece, adormecido desde 1900 (*Interpretação dos sonhos*), ele poderá relançar o tratamento ao circuito pulsional (circuito do desejo) ou repetir o trauma na clínica ao escutar a compulsão à repetição como uma repetição. Acredito que a questão aqui toca também o espaço que o analista permite no processo à entrada em cena do “estranho”, recusando-o ou incluindo-o. Não se trata de suprimir a primeira tópica ou todos os trabalhos de Freud anteriores a 1920. Também não se trata de descaracterizar a peculiaridade do trabalho analítico tão difícil de sustentar e partir para um vale tudo. Trata-se de considerar os acontecimentos que se situam nos limites do analítico e fazê-lo a favor da análise, entenda-se, a favor do paciente. Desconsiderar esse “algo além” quer dizer violência.

O “habitual” do trabalho do analista talvez tenha que ser revisto: o habitual agora teria que incluir a clínica do trauma para recolocar adiante a clínica do desejo. Árido esse terreno, anterior às representações, para o qual a pulsão de morte vem apontar. Nesse ponto não há desejo, somente sobrevivência. Voltamos ao tempo das pulsões de autoconservação nas quais no futuro se apoia toda sexualidade.

Nesse sentido, diz Menezes: “Quantas vezes é ao acreditar estar abandonando esta função (de analista) que estamos sendo possibilitadores de uma análise”². E mais: “Nessa situação”³ a resposta (do analista, da ordem de um comportamento e não de uma palavra, é a resposta possível. Mas não pode ser qualquer comportamento. Também não pode se abrir para toda a clínica porque aí abandona-se a clínica analítica e parte-se para qualquer coisa”.

Nesse texto, Menezes se ocupa justamente do trabalho de Freud de 1920 ao qual estamos nos referindo, buscando examinar o que pode fazer o analista, permanecendo analista, para lidar com “acontecimentos que agem como que exteriores à vida psíquica, situando-se no plano da necessidade, como urgência vital, para além, embora não estrangeiros, aos impasses do desejo”. Para Pontalis, citado por Menezes, “o acesso ao figurável requer por vezes uma longa permanência em um doloroso enfrentamento com o que não tem nome, nem figura”.

Supor que houve um acontecimento produtor de uma lesão significa buscar, numa *atitude*, escutá-lo. É nesse sentido que o fato fica recolocado na clínica analítica. Não que ele (fato) possa ser recuperado

tal qual ocorreu: psicanálise continua sendo produção e não deciframento do passado, e não revelação de uma verdade até então ignorada. Como diz Prisco em *Juliano*⁴, a verdade do fato se perde no momento mesmo do acontecimento. O umbigo do sonho permanece inacessível mesmo quando reconhecemos que há eventos para os quais o recalque não dá mais conta. E ali onde o recalque não dá mais conta, a repetição se apresenta em estado puro, relegada ao isolamento, sem cadeias associativas que a levariam para outros lugares, sem significado psíquico, sem palavra, constituindo-se numa tentativa de fazer-se representar, fazer-se encaixar no registro do conflito, colocar em andamento o circuito do princípio de prazer (o que recolocaria a clínica analítica em seu espaço mais, digamos assim, *familiar*! - cruzando esse termo com o *Unheimliche* de 1919, teríamos um outro ensaio...).

A clínica analítica se abre, pois, para incluir fenômenos outros que não o clássico recalque. Assim há espaço para se pensar a recusa dos quadros de perversão e psicose (ver Bernard Penot⁵, *Figuras da Recusa*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1992), os transtornos do bebê (anteriores e diferentes dos sintomas, ver S. Bleichmar⁶ *A Fundação do Inconsciente*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994) e a clivagem do ego em Ferenczi, de quem falo a seguir.

Ferenczi e o mamão riscado

Ferenczi foi um dos psicanalistas que cedo ouviu o chamado de *Além...*, o que não é difícil de se verificar em seus trabalhos que vieram na esteira daquele texto e que guardam uma surpreendente atualidade. Em alguns escritos o autor investiga a relação da criança com o adulto e sugere como traumático o simples fato da desigualdade desse encontro que possui equivalência com a situação analítica composta de uma dupla também assimétrica. A criança vive num estado de desamparo, exposição e vulnerabilidade, despreparada para reagir a estímulos muito intensos. É fácil identificá-la com o organismo desavisado do texto de Freud de 1920 sobre o qual um impacto vem traumatizar pela intensidade.

Ferenczi afirma que há um elemento de hipnose na relação entre a criança e o adulto⁷ e que este último, na condição de analista, educador, pai, teria que dispensar um especial cuidado com a porção altamente influenciável daquela (criança, filho, aluno, paciente...). A criança vítima de violência fica dividida numa parte sensível destruída e noutra parte que tudo sabe mas nada sente. Essa segunda parte que sofreu, nas palavras de Ferenczi, uma *progressão patológica*, adquire os traços fisionômicos (moral e fisicamente) da idade e da sabedoria. É como uma fruta bicada que ama-

durece rápida e patologicamente.⁸ Sabemos todos que quando temos um mamão verde na cozinha, riscá-lo apressa sua maturação. É o que ocorre, por identificação com o agressor e introjeção de sua culpa, à criança traumatizada por um adulto. É o que ocorre também com crianças acolhidas com rudeza e sem carinho que "morrem facilmente e de bom grado".⁹ Para Ferenczi, a criança, por estar tão perto do não ser, carrega mais pulsão de morte que de vida. E o adulto, quanto mais velho, mais distante desse primeiro não ser. Por essa razão seria mais fácil para a criança deslizar de volta para o não ser e, literalmente, morrer.

Ferenczi alerta para os riscos de se repetir na clínica o trauma precoce que o paciente teria vivido, o que ocorre caso o analista, por resistência e dificuldades pessoais, se protege assumindo uma atitude de hipocrisia profissional, surda às manifestações de seu paciente. O autor reencontra a importância, na equação etiológica, do fator traumatógênico (de maneira nenhuma ele recusa o conflito defensivo), o que o leva de volta àquilo que ele mesmo chamou de neocatarse: algo que lembra as ab-reações das histéricas dos anos 80 e 90 do século passado, mas que delas categoricamente diferencia.¹⁰

Ferenczi é o precursor da teoria da sedução generalizada proposta por Laplanche (cujas idéias serão brevemente apresentadas em seguida) ao dizer que há um choque de línguas entre o adulto e a criança: enquanto a língua da criança é a da ternura, a do adulto é a da paixão.

Laplanche também vai examinar as relações da criança com o adulto. Que efeito se produz desse choque? O estado da criança é nomeado por esse autor como de *desajuda e insocorro*.¹¹ A criança é desamparada e está à mercê dos cuidados de um adulto que carrega necessariamente uma porção inconsciente que o ultrapassa (herda-

Onde o recalque não dá mais conta das fantasias e da angústia, a repetição se apresenta em estado puro, numa tentativa de fazer-se representar.

da, por sua vez, de outros adultos que a encontraram, um dia, criança). A comunicação que se dá entre mãe e criança é desconstruída: enquanto a via que percorre a criança é a da autoconservação, a mãe é percorrida pela via sexual. A mãe interage com a criança, está claro, e oferece alternativas colaterais de descarga - trabalho de ligação do excesso desligado que transborda o bebê. Mas ela também traumatiza o filho com sua sexualidade infantil inconsciente, o "outro" que nela habita e que dela escapa: não há interação possível nessa via do sexual.

É enigmático
aquilo de que somos
incapazes de participar,
e, portanto, de simbolizar.

Laplanche revisita a obra de Freud buscando demonstrar que a teoria da sedução "recalcada" na obra desde a descoberta de que as históricas mentem, ressurgem em 1920 como aquele algo que está para além do princípio do prazer. Mais que isso, mesmo com o surgimento da pulsão de morte, a teoria da sedução teria ficado adormecida na história da psicanálise e na sua prática por aproximadamente 70 anos: de 1897 a 1964. Perseguindo a sedução em Freud, Laplanche diz que o primeiro parceiro da sedução da criança na obra freudiana era um adulto perverso, geralmente o pai.

Em seguida, em seus cuidados com o bebê pré-ediapiano, a mãe sedutora se aloja na teoria num tempo anterior ao do pai perverso, como que preparando a sua entrada: ela molha de libido o corpo de seu filho/falo e, em seus cuidados, traumatiza o bebê, excitando-o para além da compreensão de ambos.

Laplanche chama o tempo da sedução do pai perverso de *sedução infantil* e o tempo da sedução da mãe de *sedução precoce*. *Sedução generalizada* é onde o autor desemboca para dizer que a linguagem do adulto é traumatizante para a criança porque veicula sentidos dele mesmo (adulto) ignorados: manifesta o inconsciente dos pais. São os significantes enigmáticos (que compõem o recalque originário) que interrogam a criança, obscuros também para os próprios adultos.

O comércio entre os adultos, numa imagem, o coito dos pais, é inassimilável para a criança que observa e transborda angústia (excitação sexual). Está aqui localizado o choque das duas vias, rios abundantes de água que se trombam numa pororoca: o nível da necessidade com as mensagens sexuais. Há, portanto, inadequação de linguagens entre adulto e criança (o choque de línguas de Ferenczi) porque há inadequação do adulto ao objeto fonte - resto do recalque originário, restos não metabolizados dos significantes enigmáticos - que age nele mesmo.

Interessante destacar uma idéia de Laplanche a respeito das imagens traumatizantes (que dizem do comércio entre pai e mãe) impostas pelos pais à criança: traumatizantes porque a criança é incapaz de compreender e assimilar. Mais que isso, diz Laplanche e eu sublinho, traumatizantes pela incapacidade da criança de *participar e portanto de simbolizar*. Excitação, excesso de energia, traumatiza porque transborda o sujeito. O mesmo ocorre na exclusão: a visão da cena primária é trau-

matizante para a criança não só porque ela não a compreenda ou porque essa imagem a excite, mas porque ela não tem condição de participar da cena, ficando dela excluída. É, portanto, digo eu, *enigmático aquilo de que somos incapazes de participar*. Análise seria assim o espaço no qual podemos fazer os pacientes participarem das cenas psíquicas que vão se seguindo, oriundas de um passado pessoal perdido no tempo mas que retornam agora pedindo sentido, pedindo *participação*.

A mordida do rato

Chegamos enfim ao episódio que destaco do caso *O Homem dos Ratos* e à nota de rodapé da página 208 do texto de Freud de 1909, instrumentados para encontrar de forma condensada muito do que foi até aqui exposto. A nota refere-se a esse episódio de importância máxima, do meu ponto de vista: a cena do castigo aplicado pelo pai por uma travessura cometida. Essa memória não se encontra no paciente mas no relato da mãe. Esse é o primeiro ponto de importância do episódio: Paul não se lembra da cena mas da lembrança da cena que a mãe carrega. Trata-se, assim, de um acontecimento que faz parte do patrimônio familiar que a mãe guarda (mantendo-se aberta para consultas) mas que escapa da memória individual do sujeito. Em segundo lugar, esse é o ponto onde a mãe de Paul faz sua entrada no caso clínico. Claro está que o paciente não poderia recorrer ao pai para conferir os detalhes da cena, uma vez que nessa altura ele já havia há muito falecido. Mesmo assim, é digno de nota que a discreta participação da mãe no caso relatado (não de fato, já que é ela quem paga as sessões de análise do tratamento e é dela de quem depende o seu início e a sua continuidade) se resume a prestar um esclarecimento num ponto fundamen-

tal da análise: a lembrança de um ódio de tamanho espetacular dirigido ao pai. Besteira querer confirmar com a mãe se a travessura realizada era de cunho sexual. Para que indagá-la a respeito (como faz Freud) se, independente da sua resposta, aquilo que é depositado na análise ganha sempre um estatuto sexual? E como esperar que a mãe reconhecesse esse traço erótico na cena, já que, com Ferenczi, a ubiquidade do erotismo infantil é um disfarce para o seu reconhecimento?¹² (É pela quantidade, portanto, e não pela escassez que fica difícil aos adultos identificar a sexualidade em ação nas crianças). Além disso, com Laplanche, se é com a porção inconsciente que os adultos traumatizam as crianças, como esperar que esses adultos reconheçam aquilo que é obscuro também para eles? A não ser que imaginemos que haja um motivo para que Freud, inconscientemente, fizesse um apelo para a entrada da mãe e a ela tenha mandado um recado através de sua pergunta...

Justamente, o propósito deste trabalho é indicar no caso clínico de Paul a presença obscura de sua mãe. Embora, sabemos, Freud tivesse material suficiente para incluí-la de maneira mais séria na constituição da enfermidade do paciente (esse é o único caso clínico cujas anotações originais de Freud foram encontradas - e a presença da mãe do paciente nas anotações originais é incrivelmente maior que no caso relatado), não o faz. Ainda que eu possa exagerar nas cores da influência materna ao indicar seu lugar, qualquer exagero passa como compensação deliberada pela sua breve presença no relato efetivamente publicado por Freud.

Não é senão um pouco mais tarde que a mãe vai ocupar seu lugar de destaque na obra de Freud. Em Leonardo (1910) ela aparece com toda sua força fazendo seu filho completar, inconscientemente, os buracos de afeto das suas faltas.

É curioso que Freud tenha desconsiderado o lugar desse modelo feminino no caso do *Homem dos Ratos*, omitindo até mesmo o fato de que era a mãe quem pagava o tratamento do paciente. Talvez Freud estivesse mais ocupado em compreender o lugar do pai nos arranjos que o psiquismo vai ganhar, e talvez seja mais difícil perceber a força de infiltração da mãe que opera num tempo anterior à entrada do pai na organização sexual do sujeito. Voltemos à cena da travessura e do castigo e tentemos encontrar um pouco dessa força de infiltração.

que com seu silêncio gigante faz surgir os muitos sentidos dos ditos, desmanchando o discurso do sujeito (o que torna tão difícil ao obsessivo submeter-se ao tratamento) e fazendo-o aceder ao “outro” de que ele é feito: significantes enigmáticos que nos precedem e determinam. Pareceria que, ao buscar suprimir a ambigüidade do discurso, Paul estivesse tentando atenuar a força materna que dentro dele opera e cujo tamanho seria proporcional à sua ausência no caso publicado. Uma hipótese aqui é a de que Freud, identificado com o lugar de pai, de

Embora Freud tivesse material
suficiente para incluir
de maneira mais séria a mãe
na constituição da enfermidade
deste paciente, não o faz.

A travessura de Paul envolve uma mordida: o sujeito teria mordido alguém e, por isso, é castigado. O castigo provoca uma revolta tão intensa na criança que ela se põe a xingar o pai com palavras absolutamente fora de contexto. Poderíamos relacionar essa cena, ao menos no que diz respeito à função da palavra, ao episódio muito posterior quando Paul precisa repetir pausadamente cada coisa que lhe dizem porque teme estar perdendo alguma mensagem importantíssima ou interpretando de forma errada o que lhe é dito. Busca aflitiva de suprimir qualquer ambigüidade das mensagens. Ambigüidade é o que caracteriza a língua materna (de novo a mãe) dos cuidados, dos primeiros erotismos... Ambigüidade também é o que caracteriza o espaço analítico

capitão tcheco (e com seu desejo de casar Anna, sua filha, e ganhar um genro rato?!), desconsidera a potência materna presente na obsessão de Paul. Se assim for, é o triunfo da mãe¹³ do paciente com o fim de sua análise (porque ela não vai mais pagar?). Não seria interessante uma análise que considerasse esse paciente como falo de sua mãe não desembocando, entretanto, num quadro de perversão ou numa psicose -, instrumento que ela utilizaria para triunfar sobre seu marido, pai de Paul, sobre Freud, analista (qual mãe não guarda para com a análise de seu filho uma atitude de extrema ambivalência, que mistura, na melhor hipótese, hostilidade e cooperação?), sobre as mulheres...? O problema é que com a consideração do narcisismo da mãe de

Paul e com a manutenção da falicidade materna (para manter a ilusão de falicidade, a mãe impede que seu filho a enxergue castrada porque ela mesma está impedida de perceber-se assim) seríamos conduzidos não ao recalque mas a outras maneiras de relacionar-se com a castração - a recusa, por exemplo - e, talvez seríamos obrigados a repensar o diagnóstico de obsessão do Homem dos Ratos. Não seria possível imaginar um caso que combinasse recalque com algum grau de recusa? As formas que o sujeito tem para lidar com a castração seriam formas puras? Os trabalhos de Penot¹⁴ são ricos para compreender, na recusa especificamente, a força da herança transgeracional na constituição do sujeito psíquico: aquele "isso" que é transmitido de avô para pai, de pai para filho... (ou de avô para mãe, de mãe para filho...), ultrapassando a compreensão de cada elemento da cadeia genealógica que, entretanto, é capaz de significar alguma porção do enigma que escapou à geração que o precedeu.

Não me ocuparei, nesse trabalho, em examinar os fenômenos da recusa e é possível que esse mecanismo não ocorra absolutamente no caso de Paul. É possível, simplesmente, que quando desejamos observar a força de uma mãe num caso clínico, fiquemos inclinados a aumentar seu narcisismo e força de infiltração (de penetração!). De qualquer forma, se me é permitido sublinhar o lugar do feminino no caso do *Homem dos Ratos*, eu prossigo assinalando um fato significativo que não poderia escapar a um olhar atento: o objeto de amor de Paul (e de seu ódio), a dama, não pode ter filhos. A esterilidade dessa mulher ganha sentido dentro dessa trama da fêmea não castrada nos fenômenos da recusa. Tendo escolhido como objeto de investimento uma mulher estéril, Paul retira da figura feminina, dentro do universo inconsciente das equivalências simbólicas, a possibilidade de ganhar um pê-

nis-filho-falo e de utilizá-lo para enfrentar e suprimir a figura masculina. Chama a atenção que nem Freud nem nenhum pós-freudiano, de que eu tenha notícia, tenham considerado o simples fato do Homem dos Ratos - que amava tanto crianças - ter elegido como alvo de seus investimentos de libido (e as escolhas amorosas são significativas, não são?, nunca ao acaso...) uma mulher estéril, *aquela que nunca será mãe*. Será sempre *não-mãe*. E é por este registro da negativa que a importância da mãe de Paul se insinua: Freud faz um *não-mãe* que atravessa todo o caso, desprezando tantos fatos significativos.

Chamando o nome do pai

Voltemos a atenção para aquilo que diz, no auge da sua revolta, a criança punida na direção de seu pai: palavras cuspidas com fúria: "seu prato, seu lâmpada, seu toalha". Não é difícil enxergar aí a explosão de energia que transborda em excesso no trauma. Faz lembrar pela sua intensidade, a reação, no mito da horda primitiva, dos filhos que se insurgem contra o terrível pai primevo, que é assassinado e devorado numa refeição totêmica de euforia¹⁵ (à qual, e isso tem importância, se segue a monumental culpa). No ponto onde o pai de Paul recua (e ele o faz), se aproxima do pai de Hans ao qual faltava potência de interditor, falta essa que o próprio Hans¹⁶ busca preencher: onde a realidade não coopera, a fantasia corrige. No caso do Homem dos Ratos, as palavras verbalizadas em sua fúria como que ganham concretude de objetos atacados na cara do pai e, concretamente, o atordoam. Fica aqui invertida a equação traumática do confronto do adulto com a criança: se é suposto, inevitável e necessário que os pais traumatizem seus filhos com sua linguagem sexualizada que carrega o inconsciente herdado, na cena da mordida,

Se levássemos em consideração o narcisismo da mãe e sua falicidade, teríamos que repensar o diagnóstico do caso.

é a criança-rato que traumatiza o pai com a violência do que sai de sua boca. Essas "coisas" que saem da boca da criança têm efeito no corpo do pai que recua lesado quando, para que seu filho pudesse chegar a ter alguma tranqüilidade na relação com a própria agressividade, deveria ter sido capaz de conter. E é justamente aqui, para fazer mais uma ponte com a mulher não castrada, que pode haver o triunfo da mãe de Paul que, através dele, seu filho-falo-instrumento, penetra e lesa a figura masculina, seu homem. É aqui também o lugar onde Paul fica irreversivelmente assustado com a potência do seu ódio, capaz de penetrar e lesar. Inverte-se precocemente a equação atividade/passividade numa igualdade preocupante. Com sua agressão verbal, reação de ódio intenso, atirando palavras-coisa na cabeça de seu pai, o Homem dos Ratos provoca um estrago determinante para o qual passará o resto da vida tentando reparação.

Cabe reconhecer, finalmente, na

Na criança que xinga pode-se enxergar também um chamado, um apelo ao nome do pai, para não o forcluir na psicose, afogado nas águas do narcisismo materno.

cena do castigo ao qual Paul é submetido na infância e de sua reação incomum, o choque de línguas do qual falava Ferenczi e, mais tarde, Laplanche, entre adulto e criança, cuja consequência compõe um precipitado, os significantes enigmáticos, recalque originário, inconsciente, fonte das pulsões. Através do verbo, Paul faz uma tentativa desperada de participar do discurso adulto do universo genital: utilizando-se da energia máxima, do repertório máximo, num extraordinário transbordamento, a criança faz um passeio pelo seu dicionário particular, tão restrito - o que dá o tom patético e engraçado da cena - aquisição da cultura.

Na medida em que o verbo, a palavra, a cultura, são elementos que anunciam a entrada do pai, nessa cena da criança que xinga, pode-se enxergar também um chamado: um apelo ao nome do pai para não forcluí-lo na psicose, afogado pelas águas do narcisismo materno. Assim, é curioso que as palavras escolhidas para xingar sejam palavras que não ofendem - palavras que, na neutralidade, buscam cancelar a agressão. Quem sabe se não se trata de, com o propósito de ludibriar a mãe, uma luta livre-marmelada? - uma tentativa de preservar o

pai e de retirá-lo do submetimento à força da mãe.

Não seria de surpreender encontrar forças no sujeito que buscam resgatar o pai e outras forças que buscam suprimi-lo. Estaria completamente de acordo com os processos obsessivos nos quais as habituais ambivalências ficam incrivelmente incrementadas. Seria de se esperar, igualmente, que a mesma ambivalência estivesse presente nas relações do sujeito com sua mãe, figura que dispensa os primeiros cuidados. Pretendi apontar nesse ensaio as possibilidades da presença dessa mãe na vida do Homem dos Ratos, arrancando-a do ostracismo a que ficou relegada no caso publicado por Freud. Talvez eu tenha, ao sugerir sua importância (da mãe), deliberadamente exagerado em seu tamanho. Fica como uma tentativa de preencher um enorme buraco deixado em aberto por Freud, por muito rica que seja sua análise do caso que, entretanto, privilegia o pai. Uma análise completa teria, necessariamente, que considerar ambos os elementos do casal parental, o que talvez nos obrigue a encontrar arranjos que incluam mecanismos mistos de lidar com a questão da castrição: o recalque que sempre inclui um terceiro que se interpõe

entre a criança e sua mãe, e a recusa que, anterior, mantém a ilusão de uma relação dual narcísica e mortífera, refratária à entrada do nome do pai. O choque de línguas entre adulto e criança tem que ter consideração numa análise. Mas, além deste, o choque de línguas entre as figuras parentais não pode ser desconsiderado: há uma trombada entre a língua materna e a língua paterna na constituição de um sujeito psíquico, resultando num arranjo sexual singular. ■

NOTAS

1. S. Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909. (Todos os trabalhos de Freud citados neste artigo são extraídos de suas *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976).
2. L. C. Menezes, "Além do princípio do prazer: a técnica em questão", in S. L. Alonso e A. M. Leal (orgs.), *Freud: um ciclo de leituras*, São Paulo, Escuta/FAPESP, 1997, p. 274.
3. Situações radicais nomeadas por Pontalis, citado por Menezes, como *experiência dos limites da análise* (Menezes, *op. cit.* p. 265).
4. Gore Vidal, *Juliano*, Rocco, Rio de Janeiro, 1987, p. 393.
5. B. Penot, *Figuras da Recusa*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
6. S. Bleichmar, *A Fundação do Inconsciente*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
7. S. Ferenczi, "Análises de crianças com adultos", 1931, p. 76. (Todos os trabalhos de Ferenczi citados neste artigo foram retirados de suas *Obras Completas*, São Paulo, Martins Fontes, 1992).
8. S. Ferenczi, "Confusão de língua entre os adultos e a criança", 1933, p. 104.
9. S. Ferenczi, "A criança mal acolhida e sua pulsão de morte", 1929, p. 49.
10. S. Ferenczi, "Princípio de relaxamento e neocastarse", 1930, p. 63.
11. J. Laplanche (1987) - *Novos Fundamentos Para A Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, 104.
12. S. Ferenczi, 1929, *op.cit.*, p. 51.
13. Num trabalho anterior (S. Zlotnic, "Um Matriarcado Longo Demais"..., 1994, manuscrito não publicado) tomei como objeto de investigação a questão do narcisismo nos fenômenos da recusa. Naquela ocasião, propus a idéia de que no atravessamento do complexo de Édipo haveria pelo menos dois narcisismos em jogo: o do sujeito e o de sua mãe. Somente um deles triunfa. Na recusa é o narcisismo da mãe que triunfa num abraço colado e sufocante que impede a entrada de um terceiro, o pai, com consequências muito desfavoráveis para o sujeito.
14. B. Penot, *op.cit.*, ver especificamente o capítulo V, "A Infância do Delírio", sobre o caso de um paciente também de nome Paul!
15. S. Freud, *Totem e Tabu*, 1912 e *Psicologia de grupo e análise do Ego*, 1921.
16. S. Freud, *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos* (Pequeno Hans), 1909.